



## BIOGRAFIA



### Gilberto Osório de Andrade

(1912-1986)

Por Lucivânio Jatobá

Solicitou-me a Prof. Sandra Baptista Cunha, muito gentilmente, que redigisse algumas linhas sobre a vida e a obra de Gilberto Osório de Andrade, geógrafo físico dos mais importantes que existiram no Brasil. Aceitei prontamente o honroso convite que me foi formulado, pois, há muito anos pretendia escrever sobre esse professor do qual recebi a mais benéfica das influências acadêmicas em minha vida universitária. Não falarei aqui de um simples professor que ministrava boas aulas numa universidade pública recifense. Discorrerei sobre um gênio, um scholar, um “homem – enciclopédia”, me fazendo valer, assim, da adjetivação que recentemente lhe foi dada pela jornalista Leda Rivas, num livro que escreveu sobre esse eminente brasileiro.

Gilberto Osório de Andrade nasceu na cidade do Recife (PE), no ano de 1912. Fez o curso de bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da então Universidade do Recife, concluído em 1933. Foi professor Livre-Docente de Direito Internacional Público, naquela faculdade, nos tumultuados anos da década de 40, do século passado. Foi ainda professor Catedrático de Geografia Física na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Até alguns poucos anos antes de morrer, mesmo sem conseguir mais enxergar, andando com dificuldades, ministrou aulas e orientou alunos do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Neste curso, do qual foi um dos fundadores, juntamente com Rachel Caldas Lins, Mário Lacerda de Melo e Manoel Correia de Andrade, ministrou duas complexas disciplinas intituladas: Bases e Métodos da Geomorfologia e Morfoclimatologia.

A biografia de Gilberto Osório, no entanto, não pode ficar centrada na figura do professor

brilhante, reconhecido por todos os que foram seus alunos. Dr. Gilberto, como respeitosamente sempre foi tratado pelos seus colegas do mundo acadêmico e pelos estudantes, sobretudo, foi mais, muito mais, do que um professor universitário. Pode-se falar de um Gilberto Osório político, de um Gilberto Osório historiador, de um Gilberto Osório orador brilhante, de um Gilberto Osório geomorfólogo, de um Gilberto Osório climatólogo ou de um Gilberto Osório jornalista. Vê-se, assim, que não foi exagerada a designação da jornalista anteriormente citada. Descrever detalhadamente, como seria de se esperar, cada vertente desse homem, aqui oportunamente lembrado pela geógrafa Sandra Cunha, demandaria um espaço vastíssimo. Resumirei, entretanto, alguns pontos, que considero mais significativos, da vida desse que estamos homenageando na revista.

Gilberto Osório brilhou como político, na qualidade de Deputado Constituinte, na década de 40. Possuidor de uma oratória impecável, que se fazia presente até nas aulas que ministrava para jovens estudantes universitários, fazia tremerem os deputados que eram seus opositores na Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, quando usava a tribuna para discursar. Os seus argumentos e o nível elevado do português que empregava durante a exposição de suas idéias não davam margem a ataques verbais de seus oponentes. Todos os ouviam, em silêncio, atentamente..., como registram os Anais daquela casa legislativa. Era, politicamente, um homem de Direita, que combatia o comunismo, tendo militado, quando mais jovem, no movimento integralista, do qual foi expulso. Mas, foi este homem de Direita, anticomunista, o único dos parlamentares pernambucanos que teve a coragem de defender, na Assembléia Legislativa, num discurso antológico, que foi aplaudido de pé, os deputados do Partido

Comunista Brasileiro (PCB), que um dia antes, em 1948, haviam sido cassados e estavam sendo torturados pela Polícia Política estadual.

Desiludido com o mundo político, permeado pela mediocridade reinante que lhe causava náuseas, nada fez para ser reeleito Deputado Estadual. Ao saber da exígua votação que obteve nas urnas, saiu com um amigo para comemorar, com várias doses de whisky, a derrota, que na verdade considerava uma vitória. Aquele não era o seu mundo...

Da sua paixão pela leitura, nasceu um interesse maior por dois distintos e interligados campos científicos: a História e a Geografia. Gilberto Osório como historiador e geógrafo foi um autodidata. Sua passagem literária pela História ficou marcada especialmente pelos livros que escreveu: *A Cólera-Morbo- um momento crítico da História da Medicina em Pernambuco; Montebelo, os Males e os Mascates- contribuição para a História de Pernambuco na segunda metade do século XVII; Mourão, Rosa e Pimenta- notícia dos três primeiros livros para a vernáculo sobre a Medicina no Brasil e Pirapama- um estudo histórico e geográfico*, que redigiu com Rachel Caldas Lins. Com a mesma desenvoltura, Gilberto Osório era capaz de expor, para mais exigente platéia, horas seguidas, sobre temas históricos, superfícies de erosão, processos de formação de depósitos correlativos ou alguma questão relativa ao Direito Internacional.

Após o seu afastamento do mundo político, Gilberto Osório passou a se dedicar mais à docência, na Universidade Federal de Pernambuco, à pesquisa acadêmica, na área da Geomorfologia, e, depois, já na década de 70, ao planejamento regional, como diretor de uma importante divisão da SUDENE.

A contribuição dada por Gilberto Osório à Geografia Física foi inestimável. Os seus estudos concentraram-se em dois ramos dessa parte da Geografia: a Geomorfologia e a Climatologia.

Participou ativamente do Congresso Internacional de Geografia, que se realizou em 1956, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, apresentou um importantíssimo trabalho intitulado: *“Furos, Paranás e Igarapés. Análise genética de alguns elementos do sistema potamográfico amazônico”*. Esta comunicação, apresentada naquele histórico conclave, despertou a atenção de famosos geógrafos físicos que ali se encontravam. O Congresso Internacional de Geografia, do Rio de Janeiro, exerceu uma grande influência sobre a formação acadêmica de Gilberto Osório. A Geomorfologia Climática, que estava dando os seus primeiros passos na década de 50, se fazia representar por alguns dos seus mais destacados defensores. As idéias sobre as mudanças e flutuações climáticas verificadas durante o Quaternário e as suas repercussões sobre a morfogênese do relevo começavam a tomar corpo. No Brasil, entretanto, as idéias estruturalistas ainda eram dominantes na Geomorfologia.

Em 1958, os alunos do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, fascinados pelas concepções de Gilberto Osório sobre a gênese e a evolução do relevo do Nordeste brasileiro, pedem-lhe que escreva um texto sobre esse

tema, para que possam publicar. Nascia assim um dos trabalhos clássicos da Geomorfologia brasileira: *“A superfície de aplanamento pliocênica do Nordeste do Brasil”*. Neste livro, Gilberto Osório demonstra um rompimento com a escola estruturalista da Geomorfologia, quando advoga as interferências climáticas nas sucessivas vagas de erosão que atingiram o Nordeste do País. Contudo, nunca negou as ações tectônicas que parecem ter agido concomitantemente com a conturbada dinâmica climática cenozóica.

A aproximação de Gilberto Osório com João José Bigarella, então um jovem e atuante pesquisador do Paraná, gerou um dos mais significativos momentos da história da Geomorfologia brasileira. Bigarella, um engenheiro químico, mas profundamente ligado à Geografia Física, tinha um particular interesse pelo caráter e pelos aspectos texturais e estruturais dos sedimentos. Bigarella e Andrade passaram a buscar, nos depósitos correlativos, as explicações plausíveis para a compreensão dos intricados mecanismos morfogenéticos operantes durante as mudanças e flutuações climáticas verificadas ao longo do Cenozóico e particularmente no Quaternário.

A cidade do Recife encontra-se circundada, como se fosse um semi-anfiteatro, por um pacote sedimentar cenozóico, antes denominado “Série Barreiras”. Os cortes de estradas, ao norte da capital pernambucana, e a ampliação do aeroporto dos Guararapes permitiram a exibição da estrutura sub-superficial desse pacote de sedimentos, em afloramentos singulares. Andrade e Bigarella publicaram, em 1964, outro clássico trabalho da Geomorfologia brasileira: *“Considerações sobre a estratigrafia dos sedimentos cenozóicos em Pernambuco (Grupo Barreiras)”*. Neste artigo, publicado pioneiramente pelo Instituto de Ciências da Terra da Universidade do Recife, os autores correlacionam as superfícies de erosão, encontradas no interior do continente, com os depósitos sedimentares correlativos costeiros. Contestaram a idéia de que tais depósitos seriam uma “Série”, estratigraficamente falando. Defendiam que a “Série” Barreiras era na verdade um Grupo, do qual faziam parte duas formações: Guararapes, a mais antiga, e Riacho Morno, ambas depósitos correlativos, respectivamente, das fases de pediplanação Pd2 e Pd1, consumadas no Plioceno e no Pleistoceno.

As idéias das fases de pediplanação cenozóicas, ardorosamente sustentadas por Bigarella e Andrade, influenciaram diversas gerações de geomorfólogos brasileiros.

Diferentemente de Lester King, que também via, nas superfícies de erosão escalonadas, presentes no território brasileiro, indícios de pediplanação, Gilberto Osório e João José Bigarella consideravam que a ciclicidade do relevo no País não podia ser decorrente apenas dos paroxismos tectônicos, como era pensamento de King, mas havia recebido, sobremaneira, as interferências das mudanças paleoclimáticas. Em 1965, esses autores publicam, na Geological Society of América, um artigo sob o título “Contribution to the study of the brazilian

Quaternary”, onde esboçam os grandes traços da Geomorfologia do Quaternário brasileiro.

Gilberto Osório escreveu numerosos trabalhos geomorfológicos sobre áreas geográficas as mais distintas, desde a Amazônia até o Uruguai, sempre identificando as superfícies pediplanadas e os pedimentos nelas embutidos. Muitos desses trabalhos constituem-se, hoje, verdadeiras raridades e, alguns, de forma injustificada, foram absurdamente esquecidos por alguns novos geocientistas, nas referências bibliográficas de dissertações e teses.

A passagem de Gilberto Osório na Climatologia não foi menos brilhante. No início dos anos 70, Aroldo de Azevedo, então um dos mais conhecidos geógrafos brasileiros, convida um grupo de excelentes pesquisadores das ciências da Terra para escreverem um livro que recebeu o sugestivo título: *“Brasil, a Terra e o Homem”*. Este livro, bastante denso, foi dividido em dois volumes. O primeiro foi inteiramente dedicado à Geografia Física do Brasil, e dele fez parte Gilberto Osório, que redigiu o capítulo *“Climas”*.

No capítulo sobre os climas brasileiros, Gilberto Osório abordou esse tema com a riqueza estilística que lhe era peculiar: linguagem erudita e profundidade das análises. É neste trabalho que o autor defende, pela primeira vez, que as razões da semi-aridez do Nordeste brasileiro não residiam somente na topografia regional, mas decorriam de uma estreita relação existente entre o centro de altas pressões do Atlântico Sul e o deserto do Kalaari, no sudoeste africano, que funcionaria como área-fonte de uma importante massa de ar, tépido e estável, que acabava projetando-se no saliente nordestino. Relacionou, ainda, as intervenções da corrente fria de Bengüela na maior estabilidade dos alísios austrais que agem livremente sobre o Nordeste brasileiro. Nesse trabalho, Gilberto Osório apresentou uma

classificação das massas de ar que atuam na baixa atmosfera sobre o Brasil e acrescentou a massa de ar, por ele designada de Tépida Kalaariana (TK), que seria a responsável maior pela semi-aridez presente no “Polígono das Secas”, além de ter realizado uma classificação dos climas do País, numa adaptação inteligente da famosa classificação de Köppen.

Em meados da década de 80, uma sucessão de enfermidades começou a atingir aquele “homem-enciclopédia”. A pior delas concentrou-se na visão, que o impediu de fazer aquilo de que mais gostava: ler. Mesmo sem visualizar mais os seus alunos, insistia em falar sobre Geomorfologia para a nova geração de geógrafos que estava despontando. Com o auxílio inestimável de sua grande paixão na vida, a também geógrafa Rachel Caldas Lins, Gilberto Osório permanecia lecionando, mas com grandes dificuldades, visíveis no esforço que fazia para explicar sobre temas físico-geográficos. As doenças eram, contudo, mais fortes do que o desejo de Gilberto Osório de continuar expondo as suas sábias idéias sobre superfícies de erosão, depósitos correlativos, flutuações climáticas, formas bastardas de relevo...

No dia 30 de julho de 1986, ouvindo Wagner, seu compositor predileto, sentado em sua inseparável cadeira de balanço, fechou os olhos para sempre. O último pedido que fez a Rachel foi atendido: “Não coloque sapatos nos meus pés. Não me cubra de flores. Não faça do meu enterro uma festa. Deixe-me ir, sem estardalhaço, para a Casa do Pai.” Morria assim um dos maiores geógrafos brasileiros. Um homem-enciclopédia.

---

Lucivânio Jatobá é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.